



DIVERSIDADE FLORÍSTICA DE ESPÉCIES ARBORESCENTE EM UM TRECHO DE MATA CILIAR DE UM AFLUENTE DO ARROIO PELOTAS, PELOTAS, RS.

VENZKE, Tiago Schuch¹; COSTA, Maria Antonieta Décio da².

¹Bacharel em Ecologia, Licenciatura em Ciências Biológicas (BIC-UCPel), Pós-Graduação em Gestão Regional de Recursos Hídricos - PRPPG/UFPel tiago.venzke@yahoo.com.br;

²Bióloga Dra: Laboratório de Botânica UCPEL.

1. INTRODUÇÃO

As matas ciliares são florestas ocorrendo ao longo dos cursos de água e no entorno das nascentes. As características desse tipo de vegetação são determinadas pela quase que permanente disponibilidade de umidade proporcionada pelo curso de água e pelo lençol freático.

Segundo Barbosa (2000) considerando-se as bacias hidrográficas como unidade de planejamento, as matas ciliares são condições básicas para a manutenção da integridade dos processos hidrológicos e ecológicos nessas unidades da paisagem. O desmatamento do ambiente ciliar acarreta inúmeros prejuízos para a estabilidade dos recursos hídricos, tais como aumento da erosão do solo; perda da camada biologicamente ativa do solo; assoreamento de rios, lagos e reservatórios; aumento da frequência e das cotas atingidas pelas inundações sazonais e, sobretudo a inestimável perda da biodiversidade local e regional (Joly *et al.*, 2000).

As matas ciliares são protegidas legalmente através da Lei Federal nº 4.771/65, que define essa vegetação como Áreas de Preservação Permanente (APP) e determina uma faixa de proteção desses ecossistemas conforme a largura do curso de água. Assim, importante é o conhecimento sobre as espécies de flora nas matas ciliares a fim de estabelecer estratégias para a conservação e recuperação desse tipo de vegetação.

O objetivo do estudo foi analisar a riqueza de espécies arbóreas em uma mata ciliar impactada pela atividade antrópica, a fim de observar os aspectos ecológicos da comunidade vegetal.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi desenvolvido em ambiente ciliar de um curso de água afluente do Arroio Pelotas. O arroio Pelotas é determinado como patrimônio cultural do estado do Rio Grande do Sul, (RS, 2003). O trecho do arroio (38° 28' 37" S 52° 33' 56" O) está situado no alto curso do Arroio Pelotas. Para o levantamento da vegetação arbórea foi usado o método de caminhamento pelas áreas de vegetação ciliar, onde foram percorridos ambientes de borda e interioranos da mata. Foram coletadas

e observadas as espécies lenhosas com no mínimo 2 metros de altura, independente do diâmetro a altura do peito (DAP). Foram coletadas as espécies não identificadas através da amostragem visual e que apresentavam material reprodutivo (flores e frutos) para posterior montagem de exsicatas. Para averiguar o esforço amostral do levantamento foi construída a curva de amostragem, na qual se utilizou intervalos de tempo de 30 minutos, totalizando uma amostragem de 10 horas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram inventariadas um total de 62 espécies arbóreas pertencentes a 32 famílias botânicas, que estão listadas na Tabela 1. A família mais representativa foi Myrtaceae com 8 espécies, seguida de Salicaceae e Sapindaceae com 4 espécies. Com três espécies foram amostradas as famílias Anacardiaceae, Euphorbiaceae, Fabaceae, Lauraceae e Sapotaceae. A diversidade de gêneros levantados teve um total de 49 taxons. Os gêneros *Schinus*, *Sebastiania*, *Calliandra*, *Trichilia*, *Myrsine*, *Eugenia*, *Zanthoxylum*, *Casearia* e *Chrysophyllum* foram amostrados com duas espécies cada.

A partir dos 510 minutos, ou oito horas e meia de amostragem, a curva da amostragem teve uma tendência de estabilidade a inclusão de novas espécies.

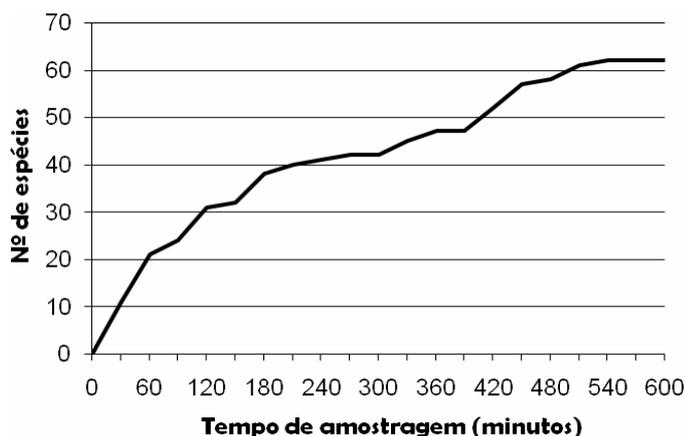


Figura 1 – Curva de amostragem do levantamento de espécies arbóreas em um trecho de mata ciliar em Pelotas, RS.

Nos ambientes de mata paralelos ao leito do arroio, onde a influência da lâmina de água é freqüente, foram observados os vegetais: *Calliandra tweediei*, *Erythrina crista-galli* e *Pouteria salicifolia*. No leito do arroio, condicionados a freqüente alagamento, habitam: *Terminalia australis*, *Cephalanthus glabratus* e *Salix humboldtiana*.

4. CONCLUSÕES

A fragmentação do local e a ausência de um remanescente contínuo de vegetação florestal refletem-se na baixa presença de espécies características do sub-bosque das florestas da região. As espécies inventariadas (*Trichilia clausenii*, *Trichilia elegans*, *Psychotria carthagenensis* e *Chrysophyllum gonocarpum*), típicas de interiores de floresta, foram observadas apenas em um ambiente de maior volume de vegetação florestal contínua.

Apesar de uma riqueza de espécies significativa para o esforço amostral do estudo, a vegetação está prejudicada pela atividade antrópica decorrente da

ausência de planejamento do local. A mata ciliar estudada encontra-se impactada pela atividade antrópica, contendo trilhas, antigos plantios de *Eucalyptus* spp e estradas secundárias localizadas em Áreas de Preservação Permanente, o que promove a fragmentação da vegetação e altera as funções naturais desses ecossistemas.

Segundo Budke *et al.*, (2006) níveis intermediários de distúrbios no ecossistema deveriam manter altos níveis de diversidade devido à supressão de espécies competidoras ou pelo aumento da heterogeneidade ambiental. No caso da mata ciliar em questão, a riqueza de espécies inventariadas é decorrente da heterogeneidade ambiental causada pela fragmentação em que se encontra a vegetação ocorrendo ambientes em diferentes estágios de sucessão ecológica, ambientes de borda, clareiras e pequenas manchas com características de interior da mata. Em relação à diversidade, a amostragem englobou uma riqueza considerável de espécies. Porém, ao observar a estrutura da mata e, conseqüentemente, as suas funções ecológicas, é nítido que a degradação da mata ciliar altera e prejudica os benefícios que a vegetação das margens do corpo de água propicia ao ecossistema.

Tabela 1. Lista florística com as famílias, nomes científicos, nomes populares e porte das espécies arborescentes encontradas em um trecho de mata ciliar no município de Pelotas-RS.

| Família/Espécie | |
|--|--|
| Anacardiaceae | Meliaceae |
| <i>Lithraea brasiliensis</i> Marchand | <i>Trichilia clausenii</i> C. DC. |
| <i>Schinus polygamus</i> (Cav.) Cabrera | <i>Trichilia elegans</i> A. Juss. |
| <i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi | Myrsinaceae |
| Aquifoliaceae | <i>Myrsine coriacea</i> (Sw.) R. Br. |
| <i>Ilex dumosa</i> Reissek | <i>Myrsine umbellata</i> Mart. |
| Arecaceae | Myrtaceae |
| <i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman | <i>Blepharocalyx salicifolius</i> (Kunth) O.Berg |
| Asteraceae | <i>Campomanesia xanthocarpa</i> O. Berg. |
| <i>Dasyphyllum spinescens</i> (Less.) Cabrera | <i>Eugenia uniflora</i> L. |
| CF. <i>Gochnatia polymorpha</i> (Less.) Cabrera | <i>Eugenia uruguayensis</i> Cambess. |
| Boraginaceae | <i>Myrcia palustris</i> DC. |
| <i>Cordia americana</i> (L.) Gottschling & J. E. Mill. | Sp 3 |
| Cannabaceae | Sp 4 |
| <i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg. | <i>Psidium cattleianum</i> Sabine. |
| <i>Trema micrantha</i> (L.) Blume | Polygonaceae |
| Cardiopteridaceae | <i>Coccoloba cordata</i> Cham. |
| <i>Citronella gongonha</i> (Mart.) R. A. Howard | Quillajaceae |
| Celastraceae | <i>Quillaja brasiliensis</i> Mart. |
| <i>Maytenus cassineformis</i> Reissek | Rubiaceae |
| Combretaceae | <i>Cephalanthus glabratus</i> (Spreng.) K Schum |
| <i>Terminalia australis</i> Cambess. | <i>Guettarda uruguensis</i> (Cham. & Schltdl.) DC. |
| Elaeocarpaceae | <i>Psychotria carthagenensis</i> Jacq. |
| CF. <i>Sloanea monosperma</i> Vell. | Rutaceae |
| Erythroxylaceae | <i>Zanthoxylum fagara</i> (L.) Sarg. |
| <i>Erythroxylum argentinum</i> O. E. Schultz | <i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam. |
| Escalloniaceae | Salicaceae |
| <i>Escallonia bifida</i> Link & Otto | <i>Banara parviflora</i> (A. Gray) Benth |
| Euphorbiaceae | <i>Casearia decandra</i> Jacq. |
| <i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong | <i>Casearia sylvestris</i> Sw. |
| <i>Sebastiania brasiliensis</i> Spreng. | <i>Salix humboldtiana</i> Willd. |

Sebastiania commersoniana L.B. Sm. & Downs
Fabaceae
Calliandra brevipes
Calliandra tweediei Benth.
Erythrina crista-galli L.
Lamiaceae
Vitex megapotamica (Spreng.) Moldenke
Lauraceae
Ocotea pulchella (Ness) Mez
Sp. 1
Sp. 2
Malvaceae
Luehea divaricata Mart.
Melastomataceae
Miconia hiemalis A. St. -Hil. & Naudin ex Naudin

Sapindaceae
Allophylus edulis Radlk.
Cupania vernalis Cambess.
Dodonaea viscosa Jacq
Matayba elaeagnoides Radlk.
Sapotaceae
Chrysophyllum gonocarpum (Mart. & Eichler) Engl.
Chrysophyllum marginatum (Hook. & Arn.) Radlk.
Pouteria salicifolia (Spreng.) Radlk
Styracaceae
Styrax leprosus Hook. & Arn.
Symplocaceae
Symplocos uniflora (Pohl) Benth.
Thymelaeaceae
Daphnopsis racemosa Griseb.
Verbenaceae
Citharexylum montevidense (Spreng.) Moldenke

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, L. M. Considerações gerais e modelos de recuperação de formações ciliares. In: RODRIGUES, R. R.; LEITÃO FILHO, H. F. **Matas ciliares: Conservação e Recuperação**. São Paulo: Editora da USP: Fapesp. 2000, p. 289-287-312.
- BRASIL. **Lei Federal** nº 4771, 15 de setembro de 1965. Institui o novo Código Florestal.
- BUDKE, J. C.; JARENKOW, J. A.; OLIVEIRA-FILHO, A. T.; LINDENMAIER, D. Padrões de riqueza e diversidade em rios de pequeno porte. In: Mariath, J.E.A.; Santos, R.P. **Os Avanços da Botânica no Início do Século XXI**: Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil, 2006, p. 388-392.
- JOLY, C. A.; SPIGOLON, J. R.; LIEBERG, S. A.; SALIS, S. M.; AIDAR, M. P. M.; METZGER, J. P. W.; ZICKEL, C. S.; LOBO, P. C. SHIMABUKURO, M. T.; MARQUES, M. C. M. SALINO, A. Projeto Jacaré-Pepira – O desenvolvimento de um modelo de recomposição de mata ciliar com base na florística regional. In: RODRIGUES, R. R.; LEITÃO FILHO, H. F. **Matas Ciliares: Conservação e Recuperação**. São Paulo: Editora da USP: Fapesp. 2000, p. 271-287.
- RIO GRANDE DO SUL. **Lei Estadual** nº 11.895, 28 de Março de 2003. Declara integrante do patrimônio cultural do Estado o Arroio Pelotas.